

A VIDA LIDA E OUVIDA EM UMA OBRA DE ALDIR BLANC

Cícero César Sotero Batista¹

RESUMO: O presente trabalho tem como objetivo uma leitura do livro *O Inventário da Infância*(1996), onde o compositor carioca Aldir Blanc narra sua infância em Vila Isabel. Defende-se a hipótese de que o livro é uma espécie de autobiografia especial composta, em termos de estruturação, a partir de procedimentos narrativos que combinam fato e ficção.

PALAVRAS-CHAVE: Música popular, autobiografia, Vila Isabel.

ABSTRACT: The following article aims to present a Reading of the book *O Inventário da Infância* (1996), in which the carioca composer Aldir Blanc describes his childhood in Vila Isabel. The hypothesis defended states that the book is a type of special autobiography composed, structurally speaking, of narrative procedures that combine fact and fiction.

KEY-WORDS: Brazilian Popular music, autobiography, Vila Isabel.

A figura pública do compositor Aldir Blanc se divide em duas. A primeira diz respeito ao letrista de grandes sucessos da década de 1970, sobretudo em parceria com o compositor mineiro João Bosco. A segunda é a de cronista do *Pasquim*, jornal alternativo de grande sucesso ao longo das décadas de 1960-1980. Gostaríamos de falar sobre mais uma face de Aldir Blanc, que, ao combinar as duas anteriores, pode ser chamada de memorialista. Para tanto, faremos uma leitura do livro *O Inventário da Infância*(1996), que descreve a experiência da infância de Aldir Blanc passada em Vila Isabel, bairro da cidade do Rio de Janeiro que o compositor Noel Rosa (1910-1937), outro ilustre morador, eternizou em sambas memoráveis.

É digno de nota dizer que, em 1996, Aldir Blanc comemorava seus cinquenta anos. Desta maneira, o livro acaba tendo um duplo propósito: é uma homenagem ao bairro, pois faz parte de um projeto que tinha como objetivo retratar alguns bairros famosos do Rio de

¹ Doutor em Ciência da Literatura pela UFRJ; Mestre pela mesma instituição; especialista em literaturas de Língua Inglesa pela UERJ. Professor de língua Inglesa das FIC.

Janeiro. Mas, ao mesmo tempo, também é uma homenagem ao próprio Aldir Blanc, em virtude de seu cinquentenário.

Se pensarmos no letrista Aldir Blanc, é possível afirmar que Vila Isabel aparece pouco nas letras das canções. Do período da década de 1970, Vila Isabel só aparece textualmente uma vez, no álbum *Tiro de Misericórdia* (1977), na canção “No tempo do onça e a fera (Quarador)”, em que se descrevem as mudanças no bairro. A certa altura da letra, ao ouvir o barulho das obras do metrô, sinal do inevitável progresso, o eu-lírico, fustigado pelas lembranças e pelas mudanças trazidas pela modernização, se indaga da seguinte maneira: “Mudou Vila Isabel ou mudei eu?”

Em suma, se o saudosismo é um tema constante nas letras de Aldir Blanc, o acento se dá na vida do subúrbio em geral, com seus motivos e tipos, com uma visão que não se restringe ao mundo particular de Vila Isabel. Como cenário, Vila Isabel aparece mais regularmente em suas crônicas, servindo ao cronista como referência geográfica e afetiva. Não foi à toa que Jaguar, um dos redatores do *Pasquim*, o apelida, exageradamente, de “Proust de Vila Isabel”, numa das orelhas do livro que Aldir Blanc publicou pela Codreci – editora do *Pasquim*. Vila Isabel é descrita como bairro aprazível da década de 1950, antes, portanto, de ser tomada pelos prédios altos que viriam com a agressiva especulação imobiliária das décadas posteriores. Esta Vila Isabel trazida pela recordação era retratada pelos seus moradores, capitaneados pela família de Aldir Blanc, uma trupe de grandiosos loucos de causar inveja às personagens de *Amacord*, de Fellini.

Trabalhando com a memória como matéria-prima para a construção ficcional, Aldir Blanc nós dá, em suas crônicas, um testemunho literário do tempo de 1950, das pessoas e do lugar Vila Isabel. Sendo ou não absolutamente autobiográficas, as crônicas nos revelam em chave humorística uma posição insubmissa diante dos avanços de uma modernização que tirava de cena personagens que, mesmo sendo “folclóricos”, existiram e que foram varridos do mapa, sem reposição, lançados na lata de lixo da história. Para o pensamento de uma classe média emergente, eles eram a epítome do mau gosto, de um tempo que deveria ser extirpado; para Aldir Blanc, as pedras do estilingue com as quais os heróis quixotescos e rabelasianos partiriam as vidraças dos shoppings.

Aldir Blanc tem lá seus argumentos a respeito da conservação das coisas nossas; o tempo trouxe outros. Talvez esta discussão soe despropositada, vista de hoje, a uma distância de quase quarenta anos, o que, desconfiadamente, é um exemplo de quem venceu.

Sem este preâmbulo, talvez não nos déssemos conta da singularidade da escrita autobiográfica em “O Inventário da Infância”, onde Aldir Blanc transita entre a memória e invenção. Tal maneira de lidar com a sua infância tem destaque nas duas epígrafes do livro: em uma se louva a memória como força-motriz da história, em uma relação de parte pelo todo; na segunda, louvam-se as técnicas narrativas, que são responsáveis pela deformação dos fatos.

O princípio estruturador acima é responsável pela fatura do livro, o que a torna uma autobiografia singular. É a autobiografia de uma personalidade carioca, voltada para os anos da infância. É um testemunho de uma época e de um lugar. Entretanto, não se deve afirmar que o autor tenha escrito um texto que seja absolutamente fiel aos fatos. Mantém-se o pacto com o leitor, à maneira do que propôs, em estudo clássico sobre a escrita biográfica, Phillippe Lejeune (2008)? Sim, mas o leitor também é advertido de que se trata de ficção, no sentido de seleção e corte da matéria-prima que foi extraída da vida.

Em suma, Aldir Blanc conjuga memória e a ficção, para enfatizar que a literatura não deve ser lida como documento, no sentido de mais verdadeira, mas como um tipo especial de documento no qual são as técnicas narrativas que subordinam os fatos e não o contrário. O próprio título do livro reúne as duas forças. Quando lemos este “inventário da infância”, devemos ter em mente que este inventário (catálogo, lista de pertences que serão deixados a outrem) tem muito de invenção, isto é, de corte, de seleção. Algo pode ser moralmente censurável, mas resultar em literatura de qualidade. Há alguns exemplos no livro que não passariam pelo crivo do pensamento politicamente correto de hoje por estarem sob o signo da fealdade, do mau-gosto, e ainda assim, serem artísticos, por força da seleção que o artista lhe deu.

Segundo Samira Nahid de Mesquita (1987, 29), no romance de aprendizagem, a teia do enredo se tece em volta do protagonista, que está “na procura do autoconhecimento, na busca de sua identidade, da verdade do outro, da comunicação intersubjetiva e do conhecimento das regras do mundo.” Pode-se dizer que, do ponto de vista dos gêneros narrativos, o livro é uma espécie de brevíssimo romance de formação, onde se ressalta a trajetória existencial do herói, que procura se conhecer. Entretanto, não há propriamente um enredo, em sucessão linear, em nosso livro em questão, Aldir Blanc descreve, *à sua maneira*, como se tornou Aldir Blanc a partir dos anos da infância, que são considerados anos decisivos na formação de qualquer

pessoa. Curiosidade que, sem dúvida, interessa aos leitores e que de certa maneira explica porque autobiografias vendem bem. Temos fascínio pelo singular.

A infância incomum de Aldir Blanc se inicia com sua chegada à casa dos avós maternos em Vila Isabel, vindo de um prédio de apartamentos no Estácio. O deslumbre que a cena sugere é semelhante à chegada a um “paraíso”, como parece sugerir a citação: “Sei que era de manhã, de madrugada, de manhã, mas não tenho a menor ideia de como fui parar ali, no Éden (...)” (BLANC, 1996, 12). O próprio ritmo da frase, com sua virgulação e repetição de palavras se impõe como um exemplo do tipo singular de prosa que será empregado ao longo do livro. Trata-se de uma prosa poética, dotada de um fraseado musical cuja organização depende da seleção das palavras e também da virgulação.

Outro aspecto digno de nota diz respeito à ambiguidade da visão do menino em relação à própria experiência. Um bom exemplo é a oscilação entre noite e dia. Se, por um lado, descreve-se a natureza, de dia, como generosa, hospitaleira, à noite, a mesma natureza se torna hostil, misteriosa, cheia de perigos, em uma composição onde a infância não se parece nem com mar de rosas nem com propaganda de margarina. Infância sendo representada como ela é, com seus altos e baixos, como um momento de grande felicidade e também de grande angústia.

Esta possível leitura dupla de uma mesma situação motiva a palavra “febre”, que surge como elemento simbólico central da narrativa de retorno à infância. Febre, tanto no sentido literal, pois Aldir Blanc foi mesmo um menino doente, que inspirou cuidados, mas também no sentido figurado, pois a febre é aquele tipo de sintoma que nos tira o chão das relações de tempo e espaço, com as quais construímos o nosso senso de realidade.

Durante a leitura, percebe-se que algo não encaixa muito bem nesta infância, o que pode ser visto a partir da exposição das personagens centrais. A partir da visão deste narrador que volta a ser menino para organizar sua experiência da infância, surgem os avós maternos como figuras de proa do livro. A avó lhe transmite os ensinamentos de um cuidar dos outros como o objetivo maior da vida, atuando dentro do ambiente doméstico, enquanto o avô é aquele que transmitirá os ensinamentos práticos da vida, servindo como uma espécie de modelo a partir das ações e das palavras. É o avô, por exemplo, o responsável pela obsessão por livros que Aldir Blanc carregará pelo resto da vida. O gesto é simples: livros e a mesma dedicatória onde se lê que nem só de pão vive o homem. Apesar da simplicidade, a

dedicatória não poderia ser mais verdadeira, porque ela toca na questão de que o homem, ser complexo, tem necessidade de alimento, de afeto, de proteção, de evasão.

De fato, é a discreta participação dos pais nesta narrativa de rememoração: o pai, que está quase sempre ausente, é descrito como alguém que teve de abrir mão de suas ambições profissionais; a mãe aparece menos ainda, talvez em breve referência à tintura de seus cabelos que lhe dava, a exemplo de tantas outras mulheres da época, um ar de artista de cinema. Ao longo da narrativa, os pais de Aldir Blanc são retomados como o “ASMÁTICO” e a “Mulher Misteriosa”. Isto é, semelhantemente ao que foi dito a respeito da oscilação entre o dia e a noite, eles acabam sendo vistos em processo de deformação da realidade como figuras fantasmáticas.

Em uma cena emblemática, o narrador pergunta-se “Mãe, por que me abandonaste?” (BLANC, 1996, 56). Além de uma pergunta muito forte que não é explicada pelo livro, pois não sabemos qual era o problema que tinha essa mulher, tocamos em um ponto referente ao estilo de Aldir Blanc, o qual sabe muito bem distorcer referências de toda ordem. Esta, no caso, se refere à passagem de Cristo na cruz, quando Cristo se pergunta por que foi abandonado por Deus para morrer como um homem. Entretanto, no caso da economia do livro, trata-se mais de um nascimento do que da morte. Nascer, no caso, parece significar o fim da primeira infância propriamente dita, que é comparada ao Cristo na cruz.

Outro exemplo de distorção de conteúdo que caracteriza o estilo de Aldir Blanc aparece quase no fim do livro: “Vai, Aldir, ser Blanc na vida, em nome da Vila” (BLANC, 1996, 58). Nesta curta frase, lemos uma afirmação da vida, que nos remete, obviamente, ao “Poema de Sete Faces”, de Drummond. Uma das leituras fortes que podem ser feitas sobre o poema é que este indivíduo, apesar de especial, está condenado a errar e a sofrer. Aqui “Blanc” (branco), que substitui “Gauché”(canhoto, sinistro, por extensão), tem um forte efeito expressivo, sendo poético à sua maneira, pois “Blanc”, sendo em francês, é uma escolha bem apropriada para a substituição da palavra “gauché”. Além disso, o final da frase pode ser lido como um verso adicional, com a rima toante, ligando a palavra “vida” à palavra “Vila”, de Vila Isabel. Com esse procedimento simples, Aldir Blanc une a experiência de sua vida à existência do bairro.

Ainda sobre o estilo empregado ao longo do livro, chama a atenção a pouca ocorrência do ponto final. Isto faz com que a narrativa tenha poucos momentos de repouso, que um assunto se integre a outro sem que se tenha tempo para pausas. Apesar disto, sendo um pouco

de esquemático, pode-se dizer que o livro se divide mais ou menos em três etapas: 1) a narrativa propriamente dita sobre a infância em Vila Isabel, com menções regulares à casa, às pessoas, que nos dão um testemunho do tempo e do lugar; 2) a cena em que são revelados “O ASMÁTICO” e a “Mulher Misteriosa”, que fecha a narrativa em suspense sobre quem seriam estas pessoas. O estilo, enxuto e pontuado; 3) o epílogo, momento em que Aldir Blanc afirma a importância ímpar que a infância em Vila Isabel tem para sua vida, com o fechamento com chave de ouro, com alusão ao “Poema de Sete Faces”, de Drummond.

Em suma, Aldir Blanc, o memorialista, nos dá sua impressão de tempo e lugar. Para tanto, aproveita-se de maneira criativa de elementos que estão presentes tanto na sua face de letrista quanto na de cronista, talvez realizando o sonho de infância em ser músico e escritor, porque a vida, afinal, é para ser vivida, lida e ouvida.

REFERÊNCIAS

- BLANC, Aldir. *O Inventário da Infância*. Rio de Janeiro: Relume/Dumará, 1996.
- BOSCO, João. *Tiro de Misericórdia*, RCA, 1977.
- LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à Internet*. Jovita Maria Gerheim Noronha. (Org.). Tradução de Jovita Maria Gerheim Noronha e Maria Inês Coimbra Guedes. Belo Horizonte: UFMG, 2008. (Série: Humanitas).
- MESQUITA, Samira Nahid de. *O Enredo*. São Paulo. Ed, Ática, 1987.